

# FILOSOFIA IRADA: ENSAIO COM A RAIVA DE CLARICE LISPECTOR

## FURIOUS PHILOSOPHY: ESSAY WITH CLARICE LISPECTOR'S ANGER

**Pablo Vinícius Dias Siqueira\***

UFMG

**Resumo:** O presente ensaio ocupa-se em pensar filosoficamente a raiva com Clarice Lispector. Para tanto, considero aspectos mais diversos da obra clariciana que são afetados pela raiva e, em seguida, me detenho especificamente nos textos “Fartura e carência” e “Dies irae” para compreender essa maneira irada de pensar e sentir a vida. Uma breve história conceitual da ira é apresentada a partir dos textos filosóficos de Sêneca, Vilém Flusser e Peter Sloterdijk para situar melhor a questão e também mostrar que Lispector pensa a ira de maneira igualmente consistente, complexa e colérica. Lispector elabora uma relação ficcional com raiva, inventa e reinventa maneiras de sentir a raiva longe da moralidade e do pecado, mas próxima da indignação e da contestação. Não há qualquer intuito de investigar um conceito, tema ou questão exaustivamente a ponto de esgotá-los. A proposta é simplesmente filosofar com a raiva de Lispector e pensar as questões da ira na forma desimpedida do ensaio filosófico.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Raiva. Vilém Flusser. Peter Sloterdijk. Filosofia irada.

**Abstract:** This essay deals with thinking philosophically the anger with Clarice Lispector. To this end, I consider more diverse aspects of the Lispector whole work that are affected by anger and then I focus specifically on the articles “*Fartura e carência*” and “*Dies irae*” to understand this angry way of thinking and feeling life. A brief conceptual history of anger is presented from the philosophical work of Seneca, Vilém Flusser and Peter Sloterdijk to better situate the issue and also to show that what Lispector thinks of anger is equally consistent, complex and furious as can be. Lispector elaborates a fictional bond with anger, she invents and reinvents ways to feel anger far from morality and sin, but close to indignation and contestation. There is no intention here to investigate a concept, theme or issue exhaustively enough to wear it out. The proposal is simply to philosophize with Lispector's anger and think about the issues of rage with the free form of the philosophical essay.

**Keywords:** Clarice Lispector. Anger. Vilém Flusser. Peter Sloterdijk. Furious Philosophy.

### IRA ESTOICA

A ideia de que a raiva pode ser um afeto reflexivo, portanto uma maneira de pensar, sentir e compreender algo de si e do mundo, deixaria o velho Sêneca com o seu tratado *Sobre*

---

\* Doutor em Teoria da literatura e Literatura comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (tese sobre Clarice Lispector). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8568-731X>. E-mail: <pablodiassi@gmail.com>.

a ira (2014) completamente escandalizado. Mais do que escandalizado, Sêneca ficaria irascível diante da possibilidade de considerar a raiva como método de pensamento, de escrita e ainda – calma, Sêneca! – de crítica social e política. O filósofo da Stóia jamais considera o que a raiva, enquanto paixão, tem de motivação, força e criação, mas sempre enfatiza o lado patológico, incompatível e irracional da ira. Sêneca compreende que

[...] as demais paixões admitem adiamento e podem ser tratadas mais lentamente; porém nesta, a violência impetuosa e autoimpulsora não progride aos poucos, mas, ao ter início, já é total. Não atrai a alma, à maneira de outros vícios, mas a arrasta e incita, deixando-a sem controle e ávida até mesmo de causar um malefício generalizado. Não se enfurece apenas contra aquilo a que visou, mas contra o que lhe vier à frente. Os demais vícios impelem a alma, a ira precipita-a. Ainda que uma pessoa não possa resistir a suas paixões, ao menos é possível impor obstáculos a elas. A ira, não menos do que raios e procelas — e se há outras coisas impossíveis de deter, já que não avançam, mas caem —, vai intensificando mais e mais sua força. Outros vícios apartam-se da razão, este, da sanidade; outros apresentam acessos brandos e um aumento dissimulado; dá-se, porém, um mergulho da alma na ira. Assim, coisa alguma nos oprime que seja mais atônita e sujeita às próprias forças e, se tem êxito, é arrogante; se frustrada, insana. Nem mesmo rebatida é levada ao desânimo: quando a fortuna lhe subtrai um adversário, volta suas mordidas contra si própria. E não importa o tamanho daquilo que a despertou, pois pelos motivos mais fúteis ela assoma ao grau mais extremado. (SÊNeca, 2014, p. 150).

Pensar a raiva é, sim, possível, mas todo cuidado é pouco. Porém, pensar com (a) raiva – não somente é impossível como é contraproducente. Ter *Maus pensamentos*, como os de Paul Valéry (2016) talvez fosse dos males o menor. Para Sêneca, ruim mesmo é ter pensamentos irados!

## IRA DIABÓLICA

Por sua vez, cogitar uma proximidade dialógica entre raiva e pensamento, raiva e ficção e também raiva e política apenas seria possível, para Vilém Flusser, caso esse contato dialógico fosse igualmente diabólico. Para Flusser, a ira é algo diabólico. Não em um sentido moral, não em um sentido religioso, mas no sentido conceitual. Diabólico enquanto algo que transgride e que denuncia, frequentemente, a verdade do conhecimento.

No ensaio *A história do diabo*, Flusser (2008) afirma que há uma relação de equilíbrio – e de tensão – que envolve diretamente os afetos da ira, da luxúria, do orgulho e do amor. Ira e luxúria fazem parte do mesmo “tecido do mundo” (FLUSSER, 2008, p. 106), do mesmo “campo da realidade” (FLUSSER, 2008, p. 106). Nesse sentido, ira e luxúria “são mentes irmanadas” (FLUSSER, 2008, p. 106) e, conectadas como são, modelam o tecido do orgulho e experimentam a realidade do amor.

Há também uma relação inerente entre ira e liberdade bem como ira e pensamento reflexivo, intelecto, conhecimento. Uma relação que demanda, igualmente, equilíbrio e tensão. A ira, sobretudo, almeja conquistar a liberdade e a liberdade de pensamento, a autonomia reflexiva. Por almejar a liberdade, a ira se rebela com e contra as leis e as algemas do mundo que controlam e disciplinam o encontro selvagem entre conhecimento e liberdade:

Algemas, cárceres, limitações são indignas da mente. A mente exige campo ilimitado. O que é isso que limita a mente? Chamaremos de “leis” essas algemas, e este termo substitui o termo “inibição” que tem sido utilizado em contexto diferente. É contra as leis que a ira se rebela. São as leis que ela não admite. Ela não as admite como limitações, mas ela necessita, não obstante, delas. Ela necessita delas para algemar aquilo que considera a “realidade”. As leis não devem ser destruídas. Devem ser transformadas de algemas da mente em algemas dos objetos. Liberdade sem leis não é concebível. E nisto reside a profunda problemática da liberdade e da ira que procura alcançá-la. (FLUSSER, 2008, p. 107).

Flusser (2008, p. 106) chega a pensar em uma “mente irada”, em uma “alma irada” (FLUSSER, 2008, p. 106) e mais – fala também de um “projeto existencial da ira” (FLUSSER, 2008, p. 101). Certamente por isso, Flusser não menciona Sêneca, pelo menos não de forma direta. Para Sêneca, a raiva é capaz de um único projeto – a mais absoluta destruição. Para Flusser, a ira é uma dobra do orgulho e do amor e trilha, com a luxúria e a liberdade, os estranhos caminhos do conhecimento. Ao trilhar esse pensamento, ao atravessar “os corredores e os becos da sabedoria”, chega-se à alma irada – uma alma que guarda “a pedra da sabedoria, a quinta essência e o segredo do mundo” (FLUSSER, 2008, p. 106). Para o estoico, a ira é uma desalmada. Para o *bodenleniano*, se há alma, há ira. Dentro do projeto existencial da ira flusseriana,

[...] os nossos próprios pensamentos e os nossos próprios desejos estarão sujeitos à nossa vontade razoável, e a sociedade humana será transformada em organização razoável, em tecido de liberdades dignas. Livre estará a mente da opressão da natureza brutal e dos animais ferozes, livre da opressão de fatores humanos obscurantistas. Livre estará a mente do destino cruel e cego, e libertada do braço vingador da divindade. A divindade será supérflua, e será desvendada como produto de uma mentalidade subdesenvolvida. Serão as nossas mentes os juízes e os diretores do mundo. *Aurea prima sata est aetas quae vindice nullo*. (FLUSSER, 2008, p. 119).

Não há apenas um projeto para a ira. A opressão e o obscurantismo ainda tentam obliviar a liberdade esclarecida e a mentalidade filosófica que Flusser enxerga pelo prisma da ira. Porém, quanto mais opressão, mais a ira se rebela!

## IRA REBELADA

No ensaio *Ira e tempo*, Peter Sloterdijk (2012) investiga como certos anseios por controle, manutenção e manipulação da vida – sobretudo a vida que coincide com o surgimento do capital – instigam e se aproveitam de uma fúria financeira que não se faz sem alienação afetiva. Para Sloterdijk, a raiva tem sido usada dentro de uma economia de afetos que subtrai a força de nossas lutas mais genuínas e deixa a vida no negativo enquanto soma mais acúmulo, mais gastos e mais vazio.

Para Sloterdijk (2012), os aspectos econômicos da vida – que incluem dívidas emocionais, pobreza intelectual e mais valia moral – financiam categorias de opressão que são impostas e vendidas como categorias de felicidade, de fama, de sucesso e de realização. A ostentação, o consumo, o empreendedorismo mercadológico deprimente e mesmo “a instrumentalização do

nu”, que é o “[...] sintoma diretriz da cultura do consumo, uma vez que a nudez sempre é acompanhada por um impacto de desejo” (SLOTERDIJK, 2012, p. 29), são maneiras de controlar e enfraquecer as forças subjetivas que, em cada um de nós, se rebelam contra tudo que é sistema e controle. Essas forças subjetivas são as forças timóticas, as forças da ira que lutam contra as forças condicionantes do sistema capital com sua oferta de pensamento pronto e ação pronta: produzir, consumir e não-questionar. Dentro desse lugar tão fraco, o consumo é a ação do forte e a força se revela somente na ação de consumir. No entanto, consumir significa também dar um fim em si mesmo. Sloterdijk questiona então como

[...] seria imaginável uma vida econômica que não se construa sobre os impulsos eróticos, ou seja, sobre o desejo, o querer ter, o impulso à incorporação, mas sobre impulsos timóticos como a exigência por reconhecimento e a autoestima? Como deveríamos pensar a introdução do orgulho na economia capitalista, que se confessa abertamente em favor do primado da aspiração ao lucro, isto é, em favor da cobiça, um motivo *summa summarum* desprovido de nobreza, que só é justificado, mesmo por seus defensores, com uma referência ao fato de o realista empreendedor estar condenado à falta de nobreza pela vulgaridade do real? (SLOTERDIJK, 2012, p. 44).

E ainda – de que maneira os impulsos timóticos de uma vida irada podem interferir a nosso favor em um mundo capitalista ou mesmo pós-capitalista? Ao tensionar “o grande guerreiro” (SLOTERDIJK, 2012, p. 18) que a humanidade uma vez colocou em cena com o obscuro “*hommo oeconomicus*” (SLOTERDIJK, 2012, p. 29), Sloterdijk, com cuidado e ousadia, pensa a ira como ponto dialógico entre “a arte de condução da psicopolítica do ser comum” frente a utopia da vida motivada, já colocada anteriormente por Robert Musil (2006), em *O homem sem qualidades*. Para tanto, Sloterdijk retorna inevitavelmente a Nietzsche, faz um raro e despretensioso retrato político do filósofo do martelo e, considerando os conceitos nietzschianos de valor, pesa, mede e transvaloriza a ira justo no momento em que substituir o capitalismo não é mais um sonho utópico. Ou não era.

Evidentemente, Nietzsche e Musil não são os únicos filósofos com quem Sloterdijk dialoga em *Ira e tempo*. Marx, Engels, Bataille, Snell, Groys, Fukuyama, Derrida, Lukács e outros são tão citados quanto ironizados. Sloterdijk menciona Sêneca em tom de alerta ao afirmar que *Sobre a ira* é, precisamente, “[...] o breviário do controle estoico dos afetos que se constituiu como um modelo para a ética cristã e humanista” (SLOTERDIJK, 2012, p. 16). Mas é claro que, como Sêneca, ele não perde de vista a dimensão épica de cada acontecimento e de cada afeto que a ira toca. Robert Thurman (2005), autor de *Ira*, também é mencionado de soslaio para assinalar, dentro e fora da filosofia, esse espaço que aprisiona a ira dentro da moral, da culpa, do pecado e do vício.

Nesse sentido, *Ira e tempo* parece costurado no tecido de liberdades dignas cingidas pela ira, como Flusser observa. E, embora Sloterdijk não cite Flusser nenhuma vez, fica evidente que o seu posicionamento de conceitos, no caso de *Ira e tempo*, e no caso específico da ira, é muito similar ao posicionamento de Flusser. Basta ver o modo como ele desenvolve certos pontos como “ira (*menis*) e astúcia (*metis*)” (SLOTERDIJK, 2012, p. 17) e como Flusser decodifica paralelos entre leis e liberdade ou ira e conhecimento. Da mesma maneira, enquanto Flusser

coloca orgulho, amor, luxúria e liberdade ao redor da ira; Sloterdijk coloca orgulho, dignidade, vingança e justiça.

Por considerar todos esses aspectos, sem descuidar em momento algum da tensão que há entre “o *thymós* e a *megalothymía*” (SLOTERDIJK, 2012, p. 55), Sloterdijk nos apresenta toda diversidade da ira em seus aspectos tão políticos quanto estéticos, tão éticos quanto poéticos. E por isso consegue falar de uma “ira épica” (SLOTERDIJK, 2012, p. 17), de uma “ira sublime” (SLOTERDIJK, 2012, p. 20), da “ira borbulhante” (SLOTERDIJK, 2012, p. 20), da “ira justa” (SLOTERDIJK, 2012, p. 24), “ira legítima” (SLOTERDIJK, 2012, p. 37), “ira coletiva” (SLOTERDIJK, 2012, p. 39), “ira projetiva” (SLOTERDIJK, 2012, p. 84), “ira bancária” (SLOTERDIJK, 2012, p. 85), “ira autoagressiva” (SLOTERDIJK, 2012, p. 119), “ira hiperbólica” (SLOTERDIJK, 2012, p. 122) e tantas outras faces da ira que se conectam, de maneira timótica, com grupos políticos, campos políticos, opiniões políticas e também com a retórica, pois, “[...] na posição de doutrina artística do direcionamento dos afetos no conjunto político”, a retórica torna-se “uma timótica aplicada” (SLOTERDIJK, 2012, p. 33). E ainda com as lutas pelo poder no interior dos corpos políticos, pois estas são “[...] lutas por primazia entre indivíduos timoticamente carregados, ou, dito de maneira coloquial, entre indivíduos ambiciosos acompanhados de seus séquitos; a arte do político encerra, por isso, o procedimento de indenização dos perdedores” (SLOTERDIJK, 2012, p. 33).

Além de provar que a ira não pode ser resumida a um pecado ou a uma paixão unilateral; e que, como afeto, a ira possui singularidade e subjetividades que constituem a humanidade e o mundo, Sloterdijk cuida da “dignidade da ira” (SLOTERDIJK, 2012, p. 19) sem nenhum pudor, mas com autocrítica suficiente para admitir o erro filosófico e ético-político que trata a ira quase sempre como um conteúdo desprezado e como um sentimento desprezível.

## IRA PENSANTE

Junto a tudo isso, é importante dizer que tanto Sêneca quanto Flusser e Sloterdijk usam ira, raiva e cólera como termos equivalentes em seus textos. E nenhum desses filósofos considera, de fato, a possibilidade de se elaborar um pensamento *com* a raiva – e não *sobre* a raiva. Ou seja, não encontra nos textos de Flusser ou de Sloterdijk momentos que a raiva desses pensadores se apresenta no próprio texto, contagiando o pensamento deles. Quando eles estão escrevendo, estão pensando. Não estão com raiva. É possível escrever com raiva? É possível pensar com raiva? Especialmente um pensamento filosófico, estético, mas que também faz uma leitura social e política desses mesmos aspectos estéticos e que problematiza, de maneira irada, os aspectos sociais e políticos da vida. Foi o que Clarice Lispector fez. Mais do que escrever sobre a raiva, mais do que pensar sobre a raiva, Lispector escreveu *com* raiva e pensou *com* raiva os aspectos filosóficos da ira de maneira prática, considerando como essa ira pensante repercutia nela mesma e como a raiva repercutia na sociedade.

## IRA RASGADA

No ensaio *Metamorfoses do mal*, Yudith Rosenbaum (1999), ao aproximar o mal e a literatura de Lispector pelo viés psicanalítico, logo na introdução considera que “[...] a expressividade

do mal sempre habitou a literatura – desde Homero, que fez da cólera de Aquiles o motor da *Ilíada*” (ROSENBAUM, 1999, p. 17). Nesse sentido, a ira estaria associada a forças sádicas, perversas, malignas, patológicas. Apenas sairia do desconfortável campo moral para gozar o desconforto em outro campo, o psicanalítico. Mas, no mesmo sentido, a ira também seria capaz de gerar algo tão épico e incontornável quando a *Ilíada*. A ira clariciana, raiva e literatura, é motor de um desconforto ético que não se resolve no limite de forças binárias.

Por sua vez, no ensaio *O drama da linguagem*, Benedito Nunes (1995, p. 102) afirma que “[...] um primeiro traço comum a salientar nas personagens de Clarice Lispector seria a violência represada dos sentimentos primários e destrutivos – *cólera, ira, raiva, ódio* – que subitamente explodem”. De maneira breve, Nunes pensa a relação entre ira e amor e compreende que as personagens de Lispector “mesmo quando amam, elas precisam da cólera” (NUNES, 1995, p. 103). Nesse sentido, o filósofo entende que, na obra de Lispector, ira e amor, assim como vários outros afetos, são “contrários que se interpenetram” (NUNES, 1995, p. 103). De fato, a raiva clariciana está sempre acompanhada de amor. Ira e *eros*. Mas, como esclareci ao tratar especialmente de Flusser e Sloterdijk, a raiva nunca está sozinha.

Para Flusser, a ira magnetiza orgulho, amor, luxúria e liberdade. Para Sloterdijk, orgulho, dignidade, vingança e justiça. Para Lispector, há uma atração irada em todas essas direções, mas, sobretudo, há uma tensão entre ira e arte – enquanto opostos complementares – que é capaz de criar contatos, interações, tocar o outro e, desse modo, modificar visões de mundo. Com Lispector, a tensão entre ira e arte provoca raiva e revolta, raiva e indignação, raiva e contestação.

Em 1977, ao ser entrevistada por Julio Lerner, Lispector admite uma raiva rasgada, acompanhada de certo cansaço, e que destrói manuscritos e textos por concluir (LERNER, 2007). Essa mesma raiva, com intensidades e pares diferentes, rasga o conteúdo de outros textos que não foram destruídos, mas, sim, elaborados de forma irada.

Na maior parte da obra de Lispector, a raiva<sup>1</sup> é mais um componente afetivo do fundo-forma que desemoldura a ficção clariciana. Em meio às camadas íntimas, selvagens, poéticas, reflexivas dos textos, é possível encontrar também uma camada irada que compõe a atmosfera de tensão e suspense e que faz vibrar as entrelinhas. Lispector toca a raiva e é tocada por ela. Nesse sentido, ainda que não use o termo raiva, ainda que não afirme, diretamente, o afeto da raiva, mesmo assim, é possível verificar o tom irado de Lispector rasgando trechos da narrativa, ou um personagem, ou uma ideia e até mesmo a própria Clarice Lispector que se rasga a si mesma para melhor fazer da sua fúria ficção.

Os contos “A legião estrangeira” (LISPECTOR, 1999d), do livro homônimo, e “Mal-estar de um anjo” (LISPECTOR, 1999g), de *Para não esquecer* (1978), são bons exemplos de textos, bem diferentes entre si, mas que se fazem com uma tensão furiosa e dentro de uma atmosfera irada subjacente a outras questões que envolvem esses contos. Então, mesmo que em momento algum se fale de raiva, nas entrelinhas, na atitude das personagens, na estrutura dos textos a ira se faz sentir. É justo o que ocorre com “Dia após dia”, de *A via crucis do corpo* (1974). Uma breve onda de raiva que se forma e se fecha no momento em que a narradora e Lispector se confundem totalmente, misturado ficcionalização com escrita de si. Algo que Lispector já tinha feito antes, de outro modo, com *Água viva* (1973) e que voltaria a fazer, de modo quase

<sup>1</sup> Para uma análise mais intensa sobre a questão da raiva na obra de Clarice Lispector, sugiro minha dissertação *O baile de esgrimas: reflexão sobre a ira e o discurso colérico* (DIAS SIQUEIRA, 2013).

inconsequente, mas altamente libertador, com *A hora da estrela*, de 1977 (LISPECTOR, 1999c). Pois, em “Dia após dia”, a narradora confessa que

[...] um dia um casal me convidou para almoçar no domingo. E no sábado de tarde, assim, à última hora, me avisaram que o almoço não podia ser porque tinham que almoçar com um homem estrangeiro muito importante. Por que não me convidaram também? por que me deixaram sozinha no domingo? Então me vinguei. Não sou boazinha. Não os procurei mais. E não aceitarei mais convite deles. Pão, pão, queijo queijo. (LISPECTOR, 1998b, p. 51).

Mesmo sem mencionar a raiva, nota-se que afetos como orgulho e indignação, de maneira oposta e complementar, são acompanhados pela raiva que também é acompanhada por amor-próprio. *Eros irado*. Nesse sentido, é possível – inclusive, sugiro! – ler a obra de Lispector pelo viés da raiva. O leitor encontrará um conjunto de textos definitivamente voltado para uma educação dos afetos e para a emancipação da raiva. Por isso, a obra de Lispector é muito mais legítima, em termos coléricos, e muito mais potente e eficaz que certos manuais de raiva que seguem acusado esse afeto de pecado ou acuando-o no vazio da autoajuda, como é o caso de *O manual da raiva* (2013).

Desse conjunto de textos, além dos contos citados, pode-se pensar no romance de estreia *Perto do coração selvagem* (1943). Começa com o pai de Joana misturado raiva com amor e mandando a filha, ainda pequena, bater com a cabeça na parede no lugar de importuná-lo:

— Papai, que é que eu faço?  
 — Eu já lhe disse: vá brincar e me deixe!  
 — Mas eu já brinquei, juro.  
 Papai riu:  
 — Mas brincar não termina...  
 — Termina sim.  
 — Invente outro brinquedo.  
 — Não quero brincar nem estudar.  
 — Quer fazer o quê então?  
 Joana meditou:  
 — Nada do que sei...  
 — Quer voar? pergunta papai distraído.  
 — Não, responde Joana. — Pausa. — Que é que eu faço?  
 Papai tropeja dessa vez:  
 — Bata com a cabeça na parede! (LISPECTOR, 1998d, p. 17).

E segue com momentos contínuos de “raiva sincera” (LISPECTOR, 1998d, p. 28) que amparam o brilho furioso e a juventude irada de Joana que nos encontra ou “cheia de raiva” (LISPECTOR, 1998d, p. 96), ou “à espreita de nova onda de raiva” (LISPECTOR, 1998d, p. 108), mas sempre flertando com uma “raiva trôpega e arquejante” (LISPECTOR, 1998d, p. 184). Bem diferente da raiva de G.H., que é sentida como “uma tranquila e compacta raiva” (LISPECTOR, 2009, p. 42), mas que acompanha e move a personagem até o momento que “uma cólera inexplicável, mas que me vinha toda natural, me tomara: eu queria matar alguma coisa ali” (LISPECTOR, 2009, p. 43). Sim, o que vai definir a relação entre G.H. e a barata, e

que decide todo o romance, é a raiva! E não esquecer jamais que a personagem Janair tem ira no nome.

É com essa cólera inexplicável que G.H. toca a cólera homérica quando esclarece que “[...] também se pode violentar Deus diretamente, através de um amor cheio de raiva. E Ele compreenderá que essa nossa avidez colérica e assassina é na verdade a nossa cólera sagrada e vital, a nossa tentativa de violentação de nós mesmos” (LISPECTOR, 2009, p. 152). Essa compressão irada da dimensão e da ação dos afetos com a própria vida já havia sido experimentada e aprofundada por Lispector no seu romance anterior, *A maçã no escuro* (1961), romance no qual “a grande cólera” (LISPECTOR, 1999e, p. 60) se faz.

É com esse romance que Lispector se envolve detidamente, intimamente, com uma “minuciosa raiva” (LISPECTOR, 1999e, p. 30). A poética desse livro é desenhada com gestos de cólera, gestos ferinos, fragmentados, que desafiam o tempo inteiro a estrutura do romance, densa e bastante definida. Essa provocação colérica estimula “um leve prazer de raiva” (LISPECTOR, 1999e, p. 56) que é sentido nos embates das ideias, na intensidade das personagens, na ficcionalidade dos conceitos e no grau de reflexividade que formam o romance de maneira confluyente. Lispector desenvolve um enredo no qual a cólera pode ser um crime, pode ser cárcere, mas também pode ser um caminho para trilhar a vida com os pés do pensamento. Cada personagem tenta “ser livre para ter raiva” (LISPECTOR, 1999e, p. 69), ou sente “uma escura raiva no peito” (LISPECTOR, 1999e, p. 69), ou ainda é flagrado com “lágrimas de raiva” (LISPECTOR, 1999e, p. 101) no rosto. Ao longo de todo romance, Martin não faz outra coisa senão trilhar “o caminho da cólera” (LISPECTOR, 1999e, p. 48) sozinho – na companhia do próprio espanto e do amor que se revela na raiva. Por isso Martin “[...] tem medo de sua própria cólera como se tem medo da própria força” (LISPECTOR, 1999e, p. 224).

É nesse caminho colérico que o anti-herói clariciano experimenta “uma raiva retrospectiva” (LISPECTOR, 1999e, p. 307) que o leva até a ira em sua nascente. Assim como Aquiles, na *Ilíada* (HOMERO, 2013). Mas Aquiles clama pela “ira heroica” (SLOTERDIJK, 2012, p. 17)!<sup>2</sup> Martin clama por uma ira íntima. Aquiles enfrenta adversários no campo de batalha, guerreando com exércitos: o pensamento dele se faz com estratégias e espadas. Martin enfrenta a si mesmo em uma batalha silente, nos limites de um exílio firme de tensão e de terra: o pensamento dele se faz com abandonos e devires. Assim, o clamor de Martin tenta comover as musas, deuses e deusas quando, junto de sua ira e do seu canto, ele anuncia também a prática da ira:

Oh Deus, disse ele em reivindicação, não respeitais sequer a nossa indignação? meu ódio sempre salvou minha vida, eu não quis ser triste, se não fosse a minha cólera eu seria doçura e tristeza, mas a raiva é filha de minha mais pura alegria, e de minha esperança. E quereis que eu ceda o melhor de minha cólera, vós que tivestes a Vossa, acusou ele, porque assim me disseram, e se disseram não mentiram porque eles devem ter sentido na carne a vossa cólera, acusou ele. (LISPECTOR, 1999e, p. 224).

Raiva e intimidade, raiva e devir, raiva e pensamento, raiva e reivindicação, raiva e indignação. Junto a tudo isso, uma raiva alegre e outra raiva esperançada. É com essa raiva contestadora, mas não menos poética, é com essa diversidade de iras que se ajudam e que se

<sup>2</sup> Sugiro a análise que Sloterdijk faz da ira no contexto da *Ilíada* (SLOTERDIJK, 2012, p. 17).

enraivecem, que Lispector se permite pensar e escrever sobre um cotidiano colérico e sobre a ira e suas práticas.

## A IRA E SUAS PRÁTICAS

A raiva com Lispector é expressa de maneira mais aberta e mais material, com um pensamento furioso, colérico, que desabrocha nos lugares da vida onde é possível polinizar raiva com literatura, raiva com filosofia, raiva com artes plásticas.<sup>3</sup> Lispector sabe que raiva é energia! E o tipo de energia que pode ser convertida em ação e criar contrarrealidades que modificam pontos da realidade social e política que nos cerca. Mas essa ação irada modifica as coisas sempre na condição de se afastar de qualquer ideologia, de revoluções pautadas, dos manuais de engajamento convencional e mesmo dos horizontes utópicos, embora haja utopia. Isso acontece simplesmente por dois motivos.

O primeiro motivo são os caminhos selvagens que Lispector abre e trilha na direção do incomum, do subversivo, do amador para criar “um pensamento que é solto – solto no ar – solto de disciplinas – solto de hierarquias – solto de divisões – solto de totalidades – solto de constrangimentos – solto das certezas que assediam a linguagem e que podem cativar a experiência filosófica”,<sup>4</sup> ética, política e ficcional da vida. A consciência política com Lispector é uma consciência política selvagem que habilmente se desprende da norma política.

O segundo motivo ocorre porque estamos no território da raiva. Ainda que não seja um território frequentado apenas por esse afeto. E se outros afetos transitam por aqui é justo porque a raiva não lida com barreiras e nem respeita demarcações e fronteiras. Os limites da raiva são de outra ordem. Esse afeto abre suas próprias passagens e está sempre no limiar. E nesse limiar Lispector aciona o afeto da ira na prática. Ao agir de maneira colérica fora dos julgamentos morais, Lispector propõe outras maneiras de sentir a raiva no limiar dos eixos raiva e reivindicação e raiva e indignação – que são os eixos que denunciam as situações armadas dentro da sociedade para que o amor e o orgulho sigam feridos, e a ira fique cada vez mais sobrecarregada, cansada e culpada, e, sobretudo, mais descontrolada.

Quando morrer de raiva parece ser a única possibilidade diante de uma sociedade tão desigual, indiferente e perversa, Lispector subverte esse sentimento ao afirmar que “há dias em que vivo de raiva de viver” (LISPECTOR, 1999b, p. 135), indicando que há, sim, melhores maneiras – maneiras afirmativas! – de sentir raiva.

É exatamente o que ocorre com o fragmento “Fatura e carência” de *A descoberta do mundo* (1984). Nesse texto, Lispector depara-se com uma crueza cotidiana e enfrenta a ausência de sentido que se faz pelo acúmulo de sensações boas e ruins e que redundam em um cansaço afetivo e inevitável, mas não definitivo. A intuição de Lispector é a de que ela pode se salvar desse sentimento com a raiva, porém

<sup>3</sup> Lembro que, em 28 de abril de 1975, Clarice Lispector terminou de pintar um quadro em madeira de pinho-de-riça que levou o nome de *Raiva e rei[ndifi]ção*. Na minha dissertação, dediquei um ensaio ao quadro em questão (ver DIAS SIQUEIRA, 2013).

<sup>4</sup> Para mais sobre o pensamento e o estilo conceitual de Clarice Lispector, sugiro minha tese *Filosofia selvagem: ensaio com o pensamento de Clarice Lispector* (DIAS SIQUEIRA, 2019).

[...] não um tipo de raiva amorosa que existe. Mas a raiva simples e violenta. Quanto mais violenta, melhor. Raiva dos que não sabem de nada. Raiva também dos inteligentes do tipo que dizem coisas. Raiva do cinema novo, por que não? E do outro cinema também. Raiva da afinidade que sinto com algumas pessoas, como se já houvesse fartura de mim em mim. E raiva do sucesso? O sucesso é uma gafe, é uma falsa realidade. A raiva me tem salvo a vida. Sem ela o que seria de mim? Como suportaria eu a manchete que saiu um dia no jornal dizendo que cem crianças morrem no Brasil diariamente de fome? A raiva é a minha revolta mais profunda de ser gente? Ser gente me cansa. E tenho raiva de sentir tanto amor. (LISPECTOR, 1999b, p. 135).

As relações entre a raiva, a vida e o mundo se fazem concêntricamente em torno de um ponto colérico: carência de fartura, carência de valores, carência de sentido. Na contramão da moral pecaminosa, Lispector abriga-se na raiva rasgada, bruta – que é também raiva inventada, reflexiva. Afasta-se, inclusive, da mansidão e da cordialidade e admite-se com uma lucidez arrempiada que vem da prática da ira. Muito antes do Dalai Lama<sup>5</sup> permitir que as pessoas sintam raiva, Lispector já fazia essa convocação. Se há salvação, é pela ira e suas práticas. Essa prática critica falsos valores sociais que ceifam as singularidades e as subjetividades dos indivíduos e cristalizam a desigualdade social e a normose. Por isso a crítica ao sucesso, a crítica à arte, a crítica ao intelecto, a crítica de si mesma. E são críticas iradas por isso são tão diretas e tão agudas. Como a crítica que faz ao estado, ao governo, à pátria ao relacionar a miséria social como consequência direta de uma miséria afetiva. A relação raiva e reivindicação jamais se ausenta dos posicionamentos sociais e políticos de Lispector. “Fartura e carência” reflete bastante a mente irada de Flusser, no entanto, se diferencia por não falar e pensar sobre a raiva, mas, sim, com a raiva. Lispector não traduz conceitualmente a mente irada. Ela é a mente irada. Essa é a sua forma de criar conceitos coléricos.

Todas essas questões e esses sentidos ganham mais força e mais raiva com o artigo “*Dies irae*”, também presente em *A descoberta do mundo*. Esse artigo prova que a raiva clariciana jamais encontra descanso em uma sociedade capaz de provocar, propositalmente, apenas indignação e ira. Lispector sempre deixou claro que

[...] os meus livros não se preocupam com os fatos em si, mas com a repercussão deles nos indivíduos. Isso tem muita importância para mim. É o que eu faço. Acho que, sob esse ponto de vista, eu também faço livros comprometidos com o homem, porque a realidade não é fenômeno puramente externo. (LISPECTOR, 1998c, p. 5).

Com “*Dies irae*”, é possível saber de que maneira os fatos repercutiam na vida íntima de Lispector e de que maneira ela se comprometia com a sociedade. Pode ser que os livros de Lispector não se preocupassem com os fatos em si, mas Lispector se preocupava e se indignava bastante com eles! No artigo “Literatura e Justiça”, Lispector esclarece que

[...] desde que me conheço o fato social teve em mim importância maior do que qualquer outro: em Recife os mocambos foram a primeira verdade para mim.

<sup>5</sup> Refiro-me à crônica espiritual *Sinta raiva*, de Sua Santidade, o Dalai Lama (GYATSO, 2020). O livro em questão destaca, dentro da perspectiva budista, a raiva enquanto força capaz de mudanças afetivas e sociais.

Muito antes de sentir “arte”, senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era “fazer alguma coisa”, como se escrever não fosse fazer. O que não consigo é usar escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e humilhe. (LISPECTOR, 1999f, p. 29).

Pois “Dies irae” revela o fazer-social da escrita: a beleza profunda da luta precisa também da beleza profunda da palavra. O que Lispector sente antes da arte é a poesia da luta. Poesia também é luta! E mesmo humilhada Lispector expôs todas as suas dores e indignações ao se aproximar dos aspectos sociais e políticos questionando a indigência e o desequilíbrio coletivo e um comportamento humano cada vez mais ordinário e perverso. Por isso, logo no primeiro parágrafo, nada nem ninguém é poupado da ira clariciana:

Amanheci em cólera. Não, não, o mundo não me agrada. A maioria das pessoas estão mortas e não sabem, ou estão vivas com charlatanismo. E o amor, em vez de dar, exige. E quem gosta de nós quer que sejamos alguma coisa de que eles precisam. Mentir dá remorso. E não mentir é um dom que o mundo não merece. E nem ao menos posso fazer o que uma menina semiparalítica fez em vingança: quebrar um jarro. Não sou semiparalítica. Embora alguma coisa em mim diga que somos semiparalíticos. E morre-se, sem ao menos uma explicação. E o pior – vive-se, sem ao menos uma explicação. E ter empregadas, chamemo-las de uma vez de criadas, é uma ofensa à humanidade. E ter a obrigação de ser o que se chama de apresentável me irrita. Por que não posso andar em trapos, como homens que às vezes vejo na rua com barba até o peito e uma bíblia na mão, esses deuses que fizeram da loucura um meio de entender? E por que, só porque eu escrevi, pensam que tenho que continuar a escrever? Avisei a meus filhos que amanheci em cólera, e que eles não ligassem. Mas eu quero ligar. Queria fazer alguma coisa definitiva que rebentasse com o tendão tenso que sustenta meu coração. (LISPECTOR, 1999a, p. 37).

Esse amanhecer em cólera, essa fúria das auroras que se rebela contra normas, costumes, idealismos e ideologias rege o texto por inteiro. Começar o dia com movimentos que subvertem os modos de paralisia. Movimentos com o corpo, movimentos que quebram, movimentos irados, movimentos que rebentam a paralisia afetiva – minha e do outro. A raiva é uma manada de contrariedade que estoura em relação ao absurdo da vida, ao choque da morte, ao mundo que desperdiça suas manhãs com mortos-vivos, com charlatões existenciais.

Deve-se notar o quanto Lispector sente várias camadas da sociedade, sente os dramas dos padrões de controle, o quanto ela é sensível às relações de poder. E mais – quem faz parte dessas camadas? Quem sofre os dramas? Quem está sob controle? De quem é o poder? Os sujeitos dessa crise que a ira denuncia são mulheres, homens, mães, filhos, deficientes, indiferentes, incompreendidos, injustiçados, burgueses, pobres, domésticas, religiosos, intolerantes, loucos, ofendidos, escritores, órfãos. O eu e o outro. E todos dentro do dia, da *pólis*, da vida, do mundo.

Lispector evidencia o lado menos pensado das questões sociais, o lado afetivo, que é sempre minimizado pelo caráter funcional e institucional das políticas de estado. O sentimento de desigualdade e de desamparo nunca são tão pensados quanto as ações sociais e políticas. Então é isso que Lispector se propõe a fazer: pensar com raiva várias camadas da miséria e da pobreza afetiva:

E os que desistem? Conheço uma mulher que desistiu. E vive razoavelmente bem: o sistema que arranjou para viver é ocupar-se. Nenhuma ocupação lhe agrada. Nada do que eu já fiz me agrada. E o que eu fiz com amor estraçalhou-se. Nem amar eu sabia, nem amar eu sabia. E criaram o Dia dos Analfabetos. Só li a manchete, recusei-me a ler o texto. Recuso-me a ler o texto do mundo, as manchetes já me deixam em cólera. E comemora-se muito. E guerreia-se o tempo todo. Todo um mundo de semiparalíticos. E espera-se inutilmente o milagre. E quem não espera o milagre está ainda pior, ainda mais jarros precisaria quebrar. E as igrejas estão cheias dos que temem a cólera de Deus. E dos que pedem a graça, que seria o contrário da cólera. Não, não tenho pena dos que morrem de fome. A ira é o que me toma. E acho certo roubar para comer. (LISPECTOR, 1999a, p. 38).

Essa decisão pela política da subjetividade, e pelo sentimento de desigualdade social, é movida pela ira. Os pontos indecidíveis entre o pessoal e o político são eletrizados com raiva e exatamente por isso são tão diversos e causam tanto impacto. Lispector toma as ruas do pensamento, ocupa as passagens públicas dos afetos e escreve como quem protesta. E protesta com raiva! Assim, denuncia também essa incongruência binária tão característica de uma sociedade extremista: igreja cheia de pessoas que se sentem vazias; uma sociedade furiosa que teme a cólera de deus; jornais escritos para analfabetos funcionais; institucionalização, celebração e estímulo da alienação. O desespero da fome.

Diante desse quadro, Lispector desafia a barbárie ao expor os fatos de maneira desiludida e furiosa e, mesmo assim, com razão. Ao pensar os limites da própria ação e os limites da ação do outro, Lispector elabora uma ética irada para questionar como nós, em sociedade, “[...] não soubemos fazer um mundo onde viver e não sabemos na nossa paralisia como viver” (LISPECTOR, 1999a, p. 38). “*Dies irae*” poderia ser uma alegoria conceitual para *Ira e tempo* por evidenciar vários pontos da sociedade que são danificados pela economia política e subtração dos afetos. No entanto, diferentemente de Sloterdijk, Lispector poliniza a própria raiva e cria uma filosofia irada – não uma filosofia sobre a ira. Ao colocar a energia e a indignação da raiva em uma direção ética, Lispector contesta radicalmente esse sistema de sujeições sanguinolentas que se impõe pelo economicamente (in)viável perpetuando a inadequação, a exclusão e a aniquilação que impede, assim, que se pense e se construa “outra vida” (LISPECTOR, 1999a, p. 38).

Lispector não tem a intenção de esgotar ou solucionar nenhuma das questões colocadas, mas deixa saber que o pensamento irado, a cólera do conceito e a fúria da ficção são aliados capazes de vivificar e colocar em prática o sentimento de justiça que é sempre coagido na sociedade. Portanto, não surpreende nas últimas linhas de “*Dies irae*”, Lispector sentir-se “paralítica e muda” (LISPECTOR, 1999a, p. 37). Mas isso não a impediu de agir de maneira heroica, clamar pela ira selvagem e encarnar o espírito colérico. Na prática, Lispector elabora uma relação ficcional com raiva, inventa e reinventa maneiras afirmativas de sentir a raiva. De pensar a raiva. De escrever com raiva. Portanto, de agir com raiva sem que isso acabe redundando em mera agressividade.

A raiva rasgada, raiva pensante, raiva reivindicada, raiva de viver, raiva íntima. Há um feixe furioso de raivas claricianas que convida o leitor a experimentar a ira enquanto uma força afetiva transgressora capaz de acolher e de dar sentido prático às injustiças internalizadas e aos conflitos mais carregados. Contra as doenças do desprezo, da rejeição e do desamor – nada

melhor que uma boa dose de raiva! Por isso, Lispector insiste em lembrar que “[...] só uma raiva, no entanto, é bendita: a dos que precisam” (LISPECTOR, 1999a, p. 135). Bendita a raiva que rasga a carência colérica que nos é irracionalmente imposta. Bendita a raiva de viver que nos livra de morrer de raiva. Bendita a furiosa fartura da ira!

## REFERÊNCIAS

- DIAS SIQUEIRA, P. V. **Filosofia selvagem**: ensaio com o pensamento de Clarice Lispector. 2019. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- DIAS SIQUEIRA, P. V. **O baile de esgrimas**: reflexão sobre a ira e o discurso colérico. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Comunicação e Letras, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2013.
- FLUSSER, V. **A história do Diabo**. 3. ed. São Paulo: Anablume, 2008.
- GYATSO, T. (S.S. Dalai Lama). **Sinta raiva**. Tradução Sandra Martha Dolinsky. Rio de Janeiro: Editora BestSeller, 2020.
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução Fredrico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics, 2013.
- LERNER, J. **Clarice Lispector, essa desconhecida...** São Paulo: Via Lettera, 2007.
- LISPECTOR, C. Dies irae. *In*: LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a. p. 37-38.
- LISPECTOR, C. Fartura e carência. *In*: LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b. p. 135-135.
- LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999c.
- LISPECTOR, C. A legião estrangeira. *In*: LISPECTOR, C. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999d. p. 95-110.
- LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999e.
- LISPECTOR, C. Literatura e justiça. *In*: LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999f.
- LISPECTOR, C. Mal-estar de um anjo. *In*: LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999g.
- LISPECTOR, C. Água viva: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- LISPECTOR, C. Dia após dia. *In*: LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b. p. 49-53.
- LISPECTOR, C. **O primeiro beijo**. São Paulo: Ática, 1998c.
- LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.
- LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, C. Dia após dia. In: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Prefácio e organização Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 563-566.

MUSIL, R. **O homem sem qualidades**. Tradução Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

NUNES, B. **O drama da linguagem**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

ROSENBAUM, Y. **Metamorfozes do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Edusp, 1999.

SÊNECA. **Sobre a ira**. Tradução José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

SLOTERDIJK, P. **Ira e tempo**. Tradução Marco Casanova. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

THURMAN, R. A. F. **Ira**. Tradução Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2005.

VALÉRY, P. **Maus pensamentos & outros**. Tradução Pedro Sette-Câmara. Belo Horizonte: Editora Âyinê, 2016.